

Eufemismos e representações identitárias em fronteiras migratórias*

Euphémismes et représentation identitaires dans les frontières migratoires

Flávio Roberto Gomes BENITES (UNEMAT)
frgbenites@unemat.br

BENITES, Flávio Roberto Gomes. Eufemismos e representações identitárias em fronteiras migratórias. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 283-296, ago./dez. 2017.

Resumo: A partir de enunciados com termos que remetem à maneira eufemística de dizer, este texto tem por objetivo fazer uma discussão a respeito da construção identitária de migrantes gaúchos e autóctones no Estado de Mato Grosso. Embora tenhamos realizado entrevistas com gaúchos e cuiabanos, neste artigo, atemo-nos a recortes derivados do primeiro grupo, nos quais o entrevistado tece comparações entre o gaúcho dito autêntico e o cuiabano, enfatizando as questões do nascimento, da descendência, enfim, da origem. Para este intento, tomamos como pressuposto teórico a Análise do Discurso de origem francesa e uma problematização sobre a territorialidade a fim de, então, relacionarmos essas vertentes teóricas com as questões identitárias. Nos fragmentos que trazemos à baila, os resultados da análise mostram que, em muitas situações, os migrantes gaúchos, na tentativa de minimizar a representação negativa que têm/fazem do nativo, empregam uma linguagem eufemizada que lhes possibilita (re)velar as (in)certezas sobre o outro.

Palavras-chave: Língua. Identidade. Migração.

* Proposto durante o estágio pós-doutoral na Université Paul-Valéry, Montpellier III - França, com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso.

Résumé: À partir des énoncés avec des termes qui font référence à la façon euphémique de dire, ce texte vise à faire une discussion sur la construction identitaire des migrants *gaúchos* (sudiste) et des autochtones dans l'État du *Mato Grosso* (Brésil). Bien que nous avons fait des entrevues avec des *gaúchos* et *cuiabanos* (habitants de la capital de l'État, Cuiabá), dans cet article, nous nous focalisons dans les coupures provenant du premier groupe, dans lesquels la personne interrogée fait des comparaisons entre le *gaúcho* dit authentique et le *cuiabano*, soulignant des questions de naissance, de l'ascendance, enfin, de l'origine. À cette fin, nous prenons comme base théorique l'Analyse du Discours française et une discussion à propos de la territorialité pour, alors, relier ces domaines à la problématique de l'identité. Dans les fragments que nous avons choisi, les résultats de l'analyse montrent que, dans de nombreux cas, les migrants *gaúchos*, dans une tentative de réduire au minimum les effets négatifs qui ont/ont du natif, emploient d'euphémisme pour leur permet de (dé)voiler les (in)certitudes sur l'autre.

Mots-clés: Langue. Identité. Migration.

Considerações iniciais

O estudo que arrolamos neste texto se insere na área da Linguística Aplicada, tomando-a como um lugar de discussões em que se pode compreender a relação entre língua e sociedade de modo heterogêneo. Essas observações permitem-nos avançar no fato de que a língua é também um objeto de estudo heterogêneo, sobretudo quando a temos como possibilidade de negociação de sentidos entre grupos distintos que entram em contato a partir de processos migratórios. Exatamente por serem de origens diferentes, a maneira de dizer e de representar o outro com o qual se entra em contato obviamente não coincidem, gerando, assim, conflitos que ora são expostos ora são velados.

Nessas condições, a partir da análise de enunciados com termos que remetem à maneira eufemística de dizer, este texto tem por objetivo fazer uma discussão a respeito da construção identitária de migrantes *gaúchos* e autóctones no Estado de Mato Grosso. Em termos metodológicos, fizemos entrevistas com *gaúchos* e *cuiabanos* que moram na capital do Estado, Cuiabá. Para este artigo, no entanto, atemo-nos a recortes derivados do primeiro grupo, nos quais o entrevistado tece comparações entre o *gaúcho* dito autêntico e o *cuiabano*, trazendo para o seu dizer as questões do nascimento, da descendência, enfim, da origem. Relacionamos essas questões com os conceitos de território e territorialidade a partir do ponto de vista da geografia humana.

As entrevistas foram feitas com *gaúchos* migrantes que vivem em Cuiabá. Ao todo, entrevistamos seis migrantes, sem levar em consideração nem o sexo nem a idade. Para este texto, selecionamos apenas dois deles, cujas informações dispomos mais abaixo. Optamos

por inserir alguns questionamentos relacionados ao local de origem, ao tempo em que os mesmos moram em Mato Grosso, bem como sobre sua relação com os autóctones, a fim de incitá-los a desenrolar uma conversa a partir de um contexto de fala o mais espontâneo possível. Esses participantes são identificados com a letra “G”, seguido da sequência numérica 1, 2... conforme foram sendo entrevistados. O primeiro entrevistado gaúcho (G1) é natural de Caxias do Sul (RS), descendente de imigrantes italianos; representante comercial de uma grande empresa e mora em Cuiabá desde 1995. O segundo (G2) é natural de Cerro Largo (RS), descendente de imigrantes alemães, funcionário público do MT, mudou-se para Cuiabá em 1980. Esses dois migrantes concederam entrevista em conjunto, no mesmo dia; tal fato resulta na continuidade do tema durante o diálogo percebida nas sequências que trazemos para a análise.

Como veremos, nos fragmentos que problematizamos, os resultados da análise mostraram que, em muitas situações, os migrantes gaúchos, na tentativa de minimizar a representação negativa que têm e fazem do nativo mato-grossense, empregam uma linguagem eufemizada que lhes possibilita (re)velar as (in)certezas sobre o outro.

Para proceder à análise dos discursos oriundos de tais condições, a abordagem teórica na qual nos inscrevemos é a discursiva, pois acreditamos que ela nos permitirá lançar um olhar desestabilizador e mostrar os possíveis não ditos em uma interpretação.

Lugares conceituais do discurso e do território

A Análise do Discurso discorda de teorias que apresentam o sentido atrelado ao significante e afirma que um texto pode ter múltiplos sentidos, dependendo de quem lê e enuncia e da condição enunciativa em que o texto foi produzido. Quanto ao sujeito enunciador, Michel Pêcheux (1997) propõe que ele é determinado sócio-historicamente, vale dizer, como é corrente afirmar nesta linha teórica, que o sujeito é afetado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente. Essa visão tem laços estreitos com a ideologia de cunho althusseriano-marxista, a partir da qual se diz que, numa dada formação social (estratificada, antagonicamente, em classes sociais), a ideologia interpela os indivíduos em sujeito.

Decorrente desses dois postulados, isto é, da relação entre ideologia e inconsciente, vemos que, para Pêcheux, é na língua que

o sujeito materializa os efeitos de evidência resultando nos dois esquecimentos (ilusões): o sujeito imagina-se origem de seu dizer e capaz de controlar o que diz ou os sentidos do que diz (PÊCHEUX; FUCHS, 1975, p. 177).

A partir dessa abordagem, sustentamos que a identidade do sujeito é produzida pela linguagem, funcionando como um efeito que tem seu suporte no discurso. O discurso, portanto, encarrega-se de dar um efeito de completude à identidade. Uma vez que essa identidade é uma ficção de si mesmo, pois há apenas uma ilusão de unidade, o dizer dos sujeitos nos dá a conhecer alguns pontos de identificação, mostrando, portanto, que a identidade nunca é acabada, pronta, mas que está sempre em construção.

Assim, nosso ponto de vista se alinha ao que pensa Derrida (1996, p. 43), para quem

Uma identidade nunca é dada, recebida ou alcançada, não, apenas existe o processo interminável, indefinidamente fantasmático, da identificação. Qualquer que seja a história de um retorno a si ou a sua casa [...] *imaginamos* sempre que aquele ou aquela que escreve deve já saber dizer *eu*. Em todo caso, a *modalidade identificatória* deve já estar ou passar a estar assegurada: assegurada da língua e na língua. [grifos do autor]

Sendo um efeito do discurso, os sentidos da identidade são construídos pelos diversos sujeitos no seio das sociedades. Entretanto, essa construção de sentidos não se dá de forma pacífica; ela ocorre na relação tensa dos jogos de poderes e de verdades que procuram criar dispositivos de classificação dos sujeitos, impondo-lhes formas de representação que também são garantidas na/pela língua.

É importante afirmar que esses sentidos têm a ver com o que é dito ali, mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito e com o que poderia ser dito e não foi. Pensando assim, é possível, a partir da perspectiva discursiva, direcionar nossa reflexão considerando a questão da *memória*, tendo em vista que tal conceito tem fundamental importância enquanto elemento que pode fazer a relação entre os dizeres acerca da migração. A memória à qual nos referimos é a *memória social e histórica* mediante a qual acreditamos ser possível relacionar o dizer dos sujeitos com a tradição do grupo social ao qual se eles filiam ou, mais precisamente, identificam-se. Situando a memória na dimensão do histórico e do linguístico, podemos tomá-la como condição de interpretação do presente e reinterpretação do passado; podemos entendê-la, também, como elemento organizador

dos discursos, sendo, portanto, uma *memória discursiva* (interdiscurso) que, atravessando o discurso dos sujeitos, organiza e sustenta o sentido de sua identidade, sentido cuja materialização está no seu fio do dizer (intradiscurso). Do ponto de vista pecheutiano, a memória discursiva

seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÉCHEUX, 1999, p. 52).

Visto que nos inserimos numa visão transdisciplinar que envolve os estudos do discurso, trazemos, para esta reflexão, alguns apontamentos das Ciências Sociais, sobretudo da geografia humana. Reconhecendo a amplitude do conceito de território, Haesbaert (2006, p. 40) apresenta três vertentes com as quais tal conceito estaria relacionado: a *política* ou jurídico-política, a partir da qual se pode delimitar um espaço físico e exercer o controle sobre ele; a *cultural* (ou simbólico-cultural), cuja visão encara o território como “produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao espaço vivido”; e, por fim, a dimensão *econômica*, em que se ressaltam os recursos advindos do espaço e a relação capital-trabalho.

A fim de evitar a compartimentalização entre essas vertentes ou de privilegiar uma delas, Haesbaert propõe uma perspectiva integradora para a compreensão do território. No bojo das discussões que levam em conta a época pós-moderna em que vivemos, o autor diz haver uma necessidade de se conceber o espaço como híbrido, múltiplo e relacional: “o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem estritamente cultural” (HAESBAERT, 2006, p. 79).

Decorrente dessa perspectiva, há uma série de conceitos outros que se interconectam, tais como: territorialidade, territorialização, desterritorialização, reterritorialização, território-zona, território-rede, multiterritorialidade. Enquanto *território* traz uma noção de estabilidade centrada mais no espaço físico, *territorialidade* caracteriza-se mais pela dimensão simbólico-cultural, o que não significa que questões materiais estariam fora dessa noção; daí porque não se deve dicotomizar o aspecto funcional (material, econômico) e o aspecto simbólico/afetivo, pois todo território, visto funcionalmente, tem sempre alguma carga simbólica,

por menos expressiva que ela seja, e todo território, simbolizado ou semantizado, possui sempre alguma característica de funcionalidade, por menor que seja essa parcela.

Por sua vez, *territorialização* implica movimento, deslocamento, fato que também tem a ver com nossos objetivos, ou seja, o processo migratório; por esse viés, dizemos que a territorialidade de um migrante pode se construir no espaço dos deslocamentos. É importante observar que tal processo envolve, pelo menos, duas faces: quem migra se *(des)territorializa*, já que sai de um território para outro, e se *(re)territorializa* ao mesmo tempo, pois procura construir, de alguma forma, um território para si no espaço para onde se muda; daí porque Haersbaert (2006), ancorado na discussão de Deleuze e Guattari (1995), pensa a desterritorialização como um mito no sentido de que o homem e a sociedade não podem viver nem existir sem território: “[...] não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte” (DELEUZE, 1995).

Derivados das discussões de Deleuze e Guattari (1995), cuja maneira de pensar privilegia o movimento e o devir, os conceitos de *território* e *desterritorialização* apresentam-se sempre como dinâmicos, flexíveis ou rizomáticos. Nesse sentido, é possível falar, como o faz Haesbaert (2006, p. 17), em *multiterritorialidade*, enquanto possibilidade “[...] de experimentar diferentes territórios ao mesmo tempo, reconstruindo constantemente o nosso”. De acordo com este autor, essa possibilidade de estar entre territórios sempre existiu; no entanto, ela é intensificada no momento em que vivemos em decorrência, sobretudo, das tecnologias informatizadas que conectam os sujeitos por meio da internet.

Diante disso, o autor apresenta outros dois conceitos: *territórios-zona*, caracterizados por sua espacialidade, área física; e *territórios-rede*, implicando uma relação com a virtualidade e as tecnologias informatizadas, o que faz com que as experiências de multiterritorialidades possam ocorrer de distintas maneiras e com diversos grupos ou indivíduos. Notadamente, não estão fora dessa discussão os problemas de ordem política e econômica, uma vez que há sempre controles de fronteiras e acesso a determinadas territorialidades; fatos que colocam em cena uma diversidade de grupos de exclusão.

O dizer eufemístico e as (in)certezas sobre o outro

Seguindo a perspectiva da territorialidade e do discurso acima discutidos, acompanhemos as sequências enunciativas abaixo, nas quais nossos entrevistados gaúchos tecem comparações entre o gaúcho dito autêntico e o cuiabano, enfatizando a questão do nascimento, da descendência, enfim, da origem. Percebamos, nestes recortes, o *dizer eufemístico* como marca linguística para conferir uma representação sobre o outro e sobre si mesmo.

S1¹

G1²: o gaúcho mesmo/³ de origem/ é o da fronteira⁴// porque o Rio Grande do Sul começou pela fronteira né e...⁵ o descendente de gaúcho é que nem o cuiabano// cuiabano é o cara que nasceu aqui perto da::// da baixada/ aqui e tal// aí veio os cara que... casaram com outros de fora e tal/ você não tem mais uma origem cuiabana/ ele só é cuiabano porque ele nasceu aqui. [...]⁶

então/ tipo assim/ o gaúcho/ o gaúcho nato é o poconeano⁷/ é o cuiabano/ é um povo acolhedor// é um povo tranqui::lo// só que o seguinte/ é um povo que::// trabalha menos/ tanto que ele ta na mesma origem// [...] se fosse pra fazer uma comparação/ como ele é descendente do índio/ o nato [...] o gaúcho em si/ nato/ ele é um povo tranquilo/ ele ta lá// eu viajei na região do Rio Grande do Sul/ dois anos na região da fronteira// tu chega na loja/ eles tomam chimarrão até as nove da manhã/ tu janta junto/ te convida/ tal, tal/ é uma beleza// ele é bom de comprar// não tão bom de pagar/ ele vai mais na amizade.

¹ S1 significa a primeira sequência a ser analisada. Em geral, para o tratamento dos dados orais, seguimos as orientações em DIONÍSIO (2003).

² G1 indica o primeiro migrante gaúcho a ser entrevistado.

³ / usada quando há pausa simples e // quando há pausa maior. O prolongamento da vogal é na transcrição é marcado com pela sequência de :: podendo ser maior ou menor.

⁴ De acordo com Fischer (2010) **fronteira** “É uma região geográfica, aquela que, no Rio Grande do Sul, fica perto do Uruguai e da Argentina”.

⁵ As reticências indicam ideia incompleta do entrevistado.

⁶ As reticências entre colchetes indicam supressão feita por nós.

⁷ Poconeano é gentílico de quem nasce em Poconé, cidade que faz parte da chamada Baixada Cuiabana e que, portanto, tem o mesmo *modus vivendi* do cuiabano.

Pesq.⁸: como assim?/ mais na amizade...

G1: gaúcho nato/ ele é da boa vizinhança/ o gaúcho nato é o poconeano nosso// [...] ele é um povo tranquilo/ ele é um povo.../ por isso que eu digo/ o gaúcho nato/ o da fronteira/ ele é um povo tranquilo/ ele recebe a pessoa muito bem// diferente do gaúcho da nossa.../ do italiano e o alemão// o alemão é o povo mais seco do mundo/ e o italiano é o segundo povo mais seco// é verdade/ o alemão é o povo mais seco do mundo/ ou tu te dá ou não te dá/ o italiano/ se ele for com a tua cara/ se falar italiano/ ta em casa// agora/ se ele não for com a tua cara, ta fora/ não tem jeito// Se ele não foi com a tua cara, esquece.

Nessa sequência, percebemos, pelo tom avaliativo, certa necessidade de fixação de lugares identitários, de territórios de si, entre três grupos: o gaúcho dito nato, o cuiabano e gaúchos migrantes (descendentes do *italiano* e do *alemão*), situando-os numa pertença ao grupo dos gaúchos por subtração. Pereira (2000, p. 98) entende *subtração* como exclusão da condição regional ou nacional, assim como nosso entrevistado, pois G1 não agrega ou soma às qualidades do gaúcho dito nato: ele se subtrai não porque se considera a menos, mas para não se igualar ao gaúcho tradicional, pois o tem como menor. Por isso, nascer no mesmo solo não indica uma pertença comum à identidade gaúcha, mas aponta para uma contradição, reforçada pela condição de ser migrante, de ser-estar entre lugares-culturas. A partir da ótica de comparação de G1, os dizeres reduzem os grupos a dois, ou seja, *os autóctones (o gaúcho nato é que nem o cuiabano [nato])* e *os migrantes (os gaúchos descendentes de italianos e alemães)*.

Marcar um lugar para si, fixar um pertencimento a determinado grupo social, é também fixar os sentidos desse lugar enquanto posição subjetiva que, na materialidade linguística acima, irrompe, é explicitada e enfatizada pelo termo *mesmo* que segue os gentílicos *gaúcho* e *cuiabano*. Acompanhando a reflexão de Authier-Revuz (1998, p. 57), podemos considerar a palavra *mesmo* como um “redobramento confirmativo do dizer”, a partir do qual o enunciador, G1, sublinha o que disse, procurando creditar um sentido de autenticidade do ser gaúcho e do ser cuiabano.

⁸ Intervenção do pesquisador.

Além disso, os termos *em si, nato [natural de], da fronteira* possuem sentidos correlatos de *mesmo*, o que sugere um pertencimento identitário atribuído ao grupo dos autóctones relacionado com o direito à terra, o qual Kristeva (1994) chama de *jus solis*. Ao falar de autenticidade, o entrevistado evidencia a representação que tem do outro, mas, derivada da relação com a territorialidade.

A partir da tônica assertiva contida nos enunciados de S1, notamos que o entrevistado não só avalia o outro como também justifica suas asserções com exemplos, procurando conferir, a partir de fatos vividos por ele, uma verdade sobre o que diz. Assim, os gaúchos [de lá, os que nasceram e moram no RS] e os cuiabanos são reduzidos à mesma filiação, já que, para G1, tanto estes quanto aqueles têm *a mesma origem*, eles *descendem do índio*, cuja herança identitária relaciona-os segundo o direito ao sangue, ou ao *jus sanguinis*, ainda conforme nos diz Kristeva (1994).

Vemos que, num primeiro momento, a comparação é feita a partir das palavras **que nem** (*o descendente do gaúcho é que nem o cuiabano*), nas quais estão compreendidos os sentidos de parecido, semelhante, mas, ainda assim, diferentes. Posteriormente, G1 funde os dois grupos utilizando o verbo “ser” (*o gaúcho nato é o poconeano nosso*), já que, como ele o diz, ambos têm o mesmo sangue, embora estejam, geograficamente, distantes.

Esse paralelo entre mato-grossenses e gaúchos natos relaciona-se aos sentidos que já mostramos a partir da subtração de G1 ao grupo dos gaúchos. O seu dizer aponta para uma subtração não somente regional (o Rio Grande do Sul), como também nacional, implicando uma re-definição do seu posicionamento subjetivo: gaúcho nato e cuiabano são *brasileiros* (“tanto que ele tá na mesma origem”), enquanto que ele (G1), também por reclamar uma pertença pelo sangue, *jus sanguinis*, representa-se como *européu* (“diferente do gaúcho da nossa... do italiano e o alemão”). Essa representação de si e do outro terá outras consequências que serão discutidas em seguida.

Ainda problematizando S1, notemos que os atributos *tranquilo e acolhedor* (este propalado pelos próprios cuiabanos), num primeiro momento, e talvez porque foram ditos na presença do pesquisador⁹, são características que expressam valores positivos. Entretanto, considerando a sequência “**só que** o seguinte/ é um povo **que::// trabalha menos**” e

⁹ A entrevista é um procedimento corpo a corpo e, por isso, pode ter interferência na produção de sentidos.

também a hesitação do enunciador na busca de palavras com sentidos amenos em “ele é **um povo...**”, percebemos que os qualificadores acima não coincidem com “povo que *trabalha menos*”. O funcionamento da primeira sequência como uma concessiva aponta para outros sentidos; observemos a formulação: “*embora* seja um povo tranquilo e acolhedor, ele trabalha menos”, em que a opinião do enunciador (“ele trabalha menos”) nega a voz do outro, trazida para o seu dizer (“embora...”). Dessa maneira, interpretamos que os atributos acima funcionam como eufemismos de *povo preguiçoso e incapaz*, uma vez que afirma que o cuiabano é também consanguíneo do índio e, portanto, segundo o fio discursivo, ele traz, no sangue, a indolência como legado.

Nesse sentido, tais enunciados denunciam a perspectiva redutora de G1 em relação aos autóctones ao reverberarem representações do indígena que remontam a uma memória discursiva colonial, na medida em que “a visão etnocêntrica e estereotipada fez com que o estilo despojado do índio fosse traduzido pelo branco como preguiça e indolência” (GUERRA, 2010, p. 40). G1 retoma esses dizeres e generaliza as representações ao trazer, para o fio do dizer, as palavras *o gaúcho*, *o cuiabano* e, conseqüentemente, *o povo [brasileiro]*.

Pensando ainda no funcionamento do eufemismo em S1, observemos o seguinte trecho, em que G1 qualifica o gaúcho da fronteira: *ele é bom de comprar// não tão bom de pagar/ ele vai mais na amizade*. Considerando que este entrevistado migrante se apresentou a nós como representante comercial, quando ainda morava no RS, viajou pela região da fronteira e, provavelmente, deve ter levado calote de algum gaúcho, fato que o faz argumentar como conhecedor de causa, com argumentos de autoridade de quem trabalha com vendas. No entanto, ele procura amenizar os sentidos da dívida não paga (con)fundindo-os na expressão “ir mais na amizade”, ainda que os laços de amizade dificilmente teriam o calote como afeição recíproca. Por esse viés, tal dizer parece depor contra o que Fischer (2010), em seu *Dicionário de Porto-Alegres*, especifica no que concerne à característica do gaúcho no verbete *fronteira*:

É uma região geográfica, aquela que, no Rio Grande do Sul, fica perto do Uruguai e da Argentina. Mas no uso há conotações implícitas de alta importância: se a gente diz que alguém é “da fronteira”, diz, ao mesmo tempo, que o sujeito vem de tal região e tem determinado comportamento, agauchado. O pessoal que vem da fronteira, por sua vez, usa como brevíssima descrição para um conjunto de *condições morais*: ser da fronteira é ser macho sem pejo, ser leal, ser correto, ser corajudo, ser despachado (FISCHER, 2010, p. 139). [grifo nosso]

Percebamos, a partir do que destacamos na descrição acima, que os reclames da pertença gaúcha em relação à *jus solis*, ou seja, ao direito de pertencimento segundo a terra, parece não estar de acordo com a representação de G1 acerca do gaúcho da fronteira, contradizendo o que ele diz sobre a *boa vizinhança* e a *amizade*.

Vejam agora que, ao falar de si, G1 traz características que contrastam com o gaúcho nato e com o cuiabano: *diferente do gaúcho da nossa.../ do italiano e o alemão// o alemão é o povo mais seco do mundo/ e o italiano é o segundo povo mais seco*. Para além de uma simples descrição de oposições entre o grupo **deles** (descendentes de índios, povo “tranquilo e acolhedor”¹⁰) e o gaúcho da **nossa...** [região, estirpe, linhagem (poderíamos complementar)], nosso interlocutor se apresenta e se representa como descendente de europeu e, imaginariamente, se inscreve na linhagem do colonizador.

Uma vez inserido neste grupo, G1 reclama uma pertença identitária via *jus sanguinis* e, por isso, diz carregar no sangue as características do *povo mais seco*, cujos sentidos poderiam deslizar para *povo ríspido, rude, antipático e frio*, o que daria uma impressão de desqualificação de si mesmo. Entretanto, essa é apenas uma primeira impressão, pois, ao analisarmos o excerto abaixo, na voz de outro migrante, notaremos que há, ao contrário, uma atribuição de valores positivos.

S2

G2: aí que ta o valor do cuiabano/ ele é um povo que/ há vinte anos atrás/ ele confiava demais// e tanto é que veio muito gaúcho pro Mato Grosso/ pra Cuiabá// por que que hoje o gaúcho tem fama de caloteiro?// Cuiabá/ porque o cara vinha pra cá com mais malandragem/ com mais bagagem// e o cuiabano como muito acolhedor/ muito amigo...// mas hoje mudou/ ele ta mais.../ olha/ eu conheço várias histórias aqui de Cuiabá/ que os caras vinham aqui com aquelas promessas e tal/ enrolava/ tinha vários caras que vinham aqui// os caras prometiam o mundo e o fundo e o cuiabano entrava fácil/ cuiabano não é um povo desconfiado// é um povo tranquilo/ acolhedor.

¹⁰ Nesse caso, com base em Authier-Revuz (1998), utilizamos as aspas para manter a não-coincidência entre o que o enunciador diz e os sentidos que são exteriores ao seu dizer, interpretados por nós como eufemismo.

Nessa sequência, as representações de G2 também são pautadas em comparações. Ele tenta imprimir sentidos positivos à sua avaliação, começando por dizer que o valor do cuiabano está em *confiar demais*. Notemos, mais uma vez, que outros sentidos são deslizados dos atributos *acolhedor* e *tranquilo*; aqui, não são sinônimos de povo hospitaleiro, tampouco de cordialidade; desta vez, os mesmos sugerem eufemismo de *ingenuidade*, *ignorância* e *boçalidade*. Diante do migrante gaúcho, com suas características de *povo seco*, *frio*, *malandro*, *com mais bagagem*, o cuiabano, sendo ingênuo e por não ser *desconfiado*, seria facilmente *enrolado* pelo gaúcho.

É importante também observar a temporalidade verbal utilizada pelo enunciador: *confiava*, *vinham*, *enrolava*, *prometiam*, *entrava* são verbos que, no pretérito imperfeito, indicam uma descontinuidade na ação passada. No entanto, ao se combinarem com o verbo *ser* e *estar* (“o cuiabano **é** um povo tranquilo”, “mas hoje mudou/ ele **ta** mais...”), no presente do indicativo, os mesmos verbos produzem um efeito de continuidade e de *verdade* provocado pelos enunciados assertivos na representação de G2 sobre o cuiabano na atualidade. Observemos que, apesar de dizer que *hoje mudou*, G2 não encontra palavras para afirmar o que teria mudado no cuiabano. Dessa maneira, a parte deixada em suspenso pelo efeito da elipse (marcada por nós pelas reticências) aponta, na porosidade da língua, para a negação do outro: *ele não é um povo desconfiado*, levando-nos a considerar, em S2, os adjetivos *tranquilo* e *acolhedor* como eufemismo de *povo ingênuo*.

Apontamentos finais

O percurso feito por nós mostra que a construção de identidades em contextos migratórios é fortemente relacionada com a questão do território. Com essa discussão, expusemos também o fato de que o território produz sentidos diversos ao mesmo tempo em que é também significado pelos sujeitos que dele fazem parte, o que implicou a necessidade de problematizarmos o conceito de *território*, procurando compreendê-lo para além de mera extensão de terra, área sujeita a uma jurisdição qualquer ou, ainda, como demarcação de fronteiras ou limites político-geográficos.

A partir da análise depreendida, afirmamos com Sayad (1998, p. 15), que “o espaço dos deslocamentos não é apenas o espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente,

economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através das duas realizações culturais que são a língua e a religião¹¹) etc.” Essa qualificação de *muitos sentidos* do espaço físico, de que fala esse autor, permitiu-nos avançar em relação ao conceito de território. Embora Haesbaert (2006) veja o território também como valorização simbólica, como discutimos anteriormente, é preciso pensá-lo enquanto “[...] lugar de negociação que se faz com a língua, pela língua e na língua” (SCHERER, 2007, p. 351).

Há, assim, como mostra o procedimento analítico dos excertos, uma intrínseca relação entre sujeito, língua e território, permitindo-lhes interrogar-se sobre si e sobre o outro. O fato de os entrevistados fazerem uma distinção entre os descendentes de europeus (italianos e alemães) e o gaúcho dito nato reforça o imaginário de superioridade da cultura europeia em relação a outros povos, cujos sentidos estão impressos nos enunciados desses migrantes; muito embora empreguem uma linguagem eufemizada que busca amenizar tais sentidos. A filiação europeia marcada nos dizeres analisados sugere que os mesmos também se vejam como superiores aos locais, aos cuiabanos, não somente em relação aos gaúchos que eles consideram natos. Dessa maneira, podemos dizer que o território é lugar de negociação de sentidos, posto que ele produz sentidos e é, ao mesmo tempo, significado pelos sujeitos. Em outras palavras, o território, assim como a língua, é um lugar de inscrição de si e do outro.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas**: as não-coincidências dizer. Campinas: Ed. da UNICAMP. 1998.

DELEUZE, G. **O abecedário de Gilles Deleuze**. (1995) Desterritorialização (verbete). Disponível em <<http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-de-gilles-deleuze>>. Acessado em: 05 mar. 2012.

_____; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DERRIDA, J. **O monolinguismo do outro** (1996). Porto: Campo das Letras, 2001.

DIONÍSIO, A. P. Análise da Conversação. In: MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, v.2. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 69-99.

¹¹ A observação entre parêntesis é do autor.

FISCHER, Luís Augusto. **Dicionário de porto-alegrês**. 14. ed. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GUERRA, Vânia M. L. **O indígena de Mato Grosso do Sul**: práticas identitárias e culturais. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

KRISTEVA, Julia. (1988). **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

_____; FUCHS, C. (1975) A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas. In: GADET, F. e HAK, T. (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988. p. 163-252.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PEREIRA, Robson de Freitas. Identificação e autonomia: questões sobre o regional e o global em solo brasileiro. In: COSTA, Ana. M. M et al. **Imigração e fundações**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. p. 93-101.

SCHERER, Amanda H. A constituição do eu e do outro pela interpelação da língua pela língua na história do sujeito. In: INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria C. Leandro. (Orgs.) **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EdUSP, 1998.

Recebido em: 15 de fev. de 2017.

Aceito em: 26 de jul. de 2017.